



SAUDADE: O VAZIO QUE LEMBRA

Saudade não é apenas ausência. É a presença do que já se foi. Um eco persistente que vive onde o tempo não alcança. Não é simplesmente lembrar, é sentir a falta com uma intensidade que machuca, mesmo quando você sorri.

Ela mora entre os segundos, nas frestas das horas, naquele momento em que você esquece por um instante... e então lembra de novo, como uma ferida que se recusa a cicatrizar porque, no fundo, você não quer que ela cicatrize.

A saudade é o fantasma mais bonito que existe. Não assombra, habita. E quando você menos espera, ela se senta ao seu lado, calada, com os olhos cheios de tudo aquilo que foi. Não pede licença. Não grita. Só está ali. E você entende que ela não veio para ir embora.

É como ouvir uma música que você ama, mas que te desmonta por dentro. Você aperta o play mesmo sabendo que vai doer, porque a dor também é um jeito de continuar amando.

Tem saudade que pesa. Tem saudade que flutua. Tem saudade que te quebra em mil pedaços e te reconstrói com lembranças. É uma ausência que se faz presença constante. Um amor que sobrevive ao tempo, ao espaço, às palavras não ditas.

Talvez a saudade seja a forma mais humana de eternidade. Porque aquilo que a gente sente falta é exatamente o que nos lembra que, por um momento, fomos completos.

Sara Gonçalves dos Santos

7º ano / São Vicente.

2025